

“Lançar sementes, e a colher sorrisos” Gouveia, 27 de abril de 2019

Começo por agradecer a oportunidade que me foi dada para participar neste evento tão especial e para poder partilhar convosco alguns pensamentos sobre o nosso amigo P.e Carlos Jacob. Foi com uma grande honra e um enorme orgulho que aceitei o convite.

Não podia dar início à minha intervenção sem começar pelas origens. E falar das origens é ir até Aldeia Viçosa. A freguesia à qual eu presido, e que é a terra do Padre Carlos, é uma pequena, mas rica aldeia no Vale do Mondego, que dista cerca de 18 KM da Guarda e outros tantos de Celorico da Beira.

A fantástica Igreja Matriz de Aldeia Viçosa, classificada Património de Interesse Nacional, testemunha a grandeza, a riqueza, a nobreza que esta freguesia tem desde os tempos medievais, e atrevo-me a dizer: desde os tempos proto-históricos.

No entanto, outrora, Aldeia Viçosa chamava-se de Porco, ou Aldeia de Santa Maria de Porco. É povoado desde 1238, data em que o Bispo Dom Egas de Viseu lhe outorgou a carta de foro.

Não resisto a contar a história desta alteração toponímica:

Durante toda a Idade Média a freguesia foi Porco. Este termo não tinha a conotação pejorativa que tem atualmente. No entanto, no início do século passado, com a República e a modernização do país, o termo começou a ser associado a coisas pouco limpas. O Presidente da Junta de Freguesia da altura, José de Almeida Tónico, um homem também muito importante para o país, fundou a JOALTO, vendia azeite. Na carrinha de transporte do azeite tinha escrito o seguinte: “vende-se Azeite – Porco”. E começou a ser alvo de chacota. Por isso, muito andou para conseguir que, na Assembleia Constituinte de 25/01/1939, fosse aprovada a nova designação toponímica e Porco passou a ser Aldeia Viçosa.

E foi então em Porco que nasceram os progenitores do Padre Carlos, o Ti Alberto Foitinho e a Tia Maria dos Anjos nascimento. Este casal retrata na perfeição as gentes deste mundo rural do interior, na segunda metade do século passado: pessoas simples, muito trabalhadoras e muito religiosas, essencialmente agricultores, pobres de dinheiro, mas ricas na sabedoria e no altruísmo. E é neste seio que nasce e cresce Carlos Jacob. Um menino vivaz, alegre, mas muito reguila. E aqui encontrei a única mácula da sua adolescência: gostava de armar custilos, e imagino que com aúdes.

O menino foi crescendo e, testemunhava-me a irmã, sempre com o chamamento divino dentro dele. A este propósito, dizia-me o Padre Carlos, numa entrevista que me concedeu para o Jornal de Aldeia Viçosa, no verão de 2002, e passo a citar: “A vida sacerdotal é encarada como um chamamento e não como uma opção pessoal. É um dom e não uma busca. Uma vocação e não uma profissão”.

Carlos Jacob foi crescendo e tornou-se um homem afável, assertivo e um condutor de homens. Celebrou a sua 1ª Missa em Aldeia Viçosa no dia 27 de julho de 1986. Sobre este dia, disse-me na mesma entrevista: “Recordo, sobretudo, o clima de festa de toda uma aldeia. A igreja foi pequena para acolher tanta gente. O adro acolheu toda uma multidão que se regozijava com um acontecimento sem memória na terra. O significado especial é que, desde esse momento, senti que a minha missão não se podia desvirtuar na atenção e no cuidado aos mais simples, humildes e pobres.”

As minhas recordações destes tempos, era eu ainda criança, tinha 11 anos, era de um homem que organizava teatros lá n’Aldeia. Com esta atividade ele arrastava toda aquela juventude, e na altura eram muitos, para coisas construtivas e positivas, semeava a vontade de se fazer o bem em prol da comunidade e afastava os amigos dos caminhos perigosos que já na altura espreitavam a qualquer esquina.

Outra memória que trago, prende-se com um mistério ainda hoje por revelar. Correu, lá pelos jovens da freguesia, que alguns dirigentes de um grande clube português, por sinal o meu Sporting, teriam andado

atrás do grande jogador de futebol Carlos Jacob para o contratarem e fazer dele jogador profissional. Dizem que era um exímio defesa central que eu já imaginava a jogar ao lado do Venâncio ou do Morato.

Graças a Deus, escolheu o caminho certo, o caminho da entrega ao próximo. O Padre Carlos sempre foi um motivador. Eu sempre achei incrível como alguém dá 13 anos da sua vida aos pobres, e que pobres!

Deixem-me partilhar convosco o seguinte: em 2001, eu estava na Escola Secundária de Gondomar a fazer o meu estágio curricular. Um dos temas que tive que abordar nas aulas assistidas de Francês era a solidariedade. E eu decidi levar a história de vida e o magnífico exemplo do Padre Carlos aos meus alunos e eles ficaram contagiados e sensibilizados com uma carta testemunhal que ele lhes escreveu. Estava ele em Moçambique há 2 anos. Gostaria de vo-la ler toda, mas tenho o tempo limitado e deixo-vos só algumas ideias que merecem ser partilhadas. A carta está em Francês, obviamente com um léxico simples, e passo a traduzir: o título é simplesmente “Testemunho de um homem que procura a sua felicidade.”

“Chamo-me Carlos. Dizem que sou Padre. Isso é verdade, mas não é o mais importante aqui.”

“Quando cheguei, encontrei um povo sem esperança, esperando passivamente a morte”.

“Nas regiões mais pobres, onde a situação é pior, a ajuda internacional não chega. É aqui que eu desenvolvo o meu trabalho como padre missionário católico. Eu não trago dinheiro, nem alimentos. O que pretendo é ensiná-los a viver, a reconstruir as suas vidas, eu quero transmitir-lhes uma mensagem de esperança.”

“Aqui, nós somos professores, enfermeiros, agricultores, construtores civis.”

“O mais satisfatório para nós, missionários, é de ver a alegria nas suas caras quando um projeto se conclui.”

“Com o dinheiro que eu recolhi na minha aldeia, comprei algumas bicicletas. Para eles, a bicicleta é muito mais preciosa que o carro para nós. Não é para passearem, é para irem à aldeia mais próxima, que fica a 10KM, buscar alimentos.”

E termina a carta assim: “Para mim, o mais importante no mundo é que os homens se ajudem uns aos outros. É a única forma de atingir a verdadeira felicidade.”

O Padre Carlos tem acompanhado sempre a sua aldeia, as nossas raízes fazem também parte do nosso equilíbrio. Tem sido uma almofada muito confortável para nós. Quando há alguma urgência, lá vem o padre Carlos. Estou na Junta de Freguesia há 6 anos e o Padre Carlos tem aceite sempre o nosso convite para celebrar a Missa no dia do Magusto da Velha, por alma desta senhora, também ela uma filantropa de outros tempos.

Termino com a citação da frase com que o Padre Carlos finda a entrevista que me concedeu no já referido jornal, em 2002. E diz assim: “Aproveito a oportunidade para agradecer a todos os que apoiam e estimulam, na certeza de que não sou santo, nem louco, mas apenas um semeador da esperança.”

Por isso Sr. Padre, continue a “Lançar sementes, e a colher sorrisos”. E muito obrigado por tudo.

Luís Prata